

O BENFICA em maré alta

O empate dos bi-campeões europeus, em Praga, eliminando um dos mais fortes competidores ao título máximo do futebol europeu, causou grande regozijo nos meios desportivos.

Teremos um tri-campeão europeu?

Oxalá o Benfica seja digno dos louros já alcançados.

ANO XI N.º 272

MARÇO — 17

1 9 6 3

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na

TIPOGRAFIA UNIAO

Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRAFICA LOULETANA

Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

No limiar da Agonia

Há mais de vinte anos que vimos debatendo o problema da Lavoura no nosso país, com especialidade do Algarve, fazendo previsões que os factos estão a confirmar. Não é por prazer, nem por pessimismo inveterado, que por vezes nos sentimos forçados a dizer coisas amargas no campo económico em que assenta a vida do pequeno lavrador, mas única e simplesmente como processo e forma de evitar um descalabro cujas consequências levariam à ruína total todos aqueles que vivem da terra. E por que razão destacamos o pequeno lavrador, quando poderia generalizar a afirmação a todos, pequenos e grandes, que da terra tiram o sustento do aglomerado familiar?

E porque a pequena, em relação à grande lavoura, é forçada a utilizar e a servir-se de todas as unidades agrárias que possui, boas ou más na qualidade, ao passo que a grande lavoura não depara com esse problema e, dessa forma, selecciona as melhores, deixando as outras de pouso ou para pastagem de gado. É uma táctica que todo o lavrador utiliza e da qual pode tirar proveito, salvo se o sistema, por um aviltamento complexo de preços, não cal numa forma totalmente deficitária.

Segundo os rumores que circulam, a maior parte da nossa agricultura desceu ao nível deficitário em todas as unidades que cultivava, ou está na iminência de cair nesse extremo. O Algarve, cuja agricultura tem um carácter sui

gêneris, não pode sobreviver na medida em que o regime de preços se processa, tanto os que cobra pelos produtos que produz, como os que paga por aquilo de que carece (jornas ou artefactos). A nossa agricultura não é amoldável à máquina; não há máquina que vareje ou apanhe os frutos das árvores; e na falta desse auxílio do homem, o único que lhe pode baratear a mão-de-obra, qualquer subida de salários, desde que não seja acompanhada duma correspondente subida do produto, torna-se fatal para a vida da lavoura algarvia.

Aliás, o dilema não é de agora; foi posto há já alguns anos, e o resultado denuncia-se por uma falta de mão-de-obra aterradora: como a Lavoura não pode exceder determinado limite remunerador, e a mão-de-obra exige mais, esta desaparece — emigra ou foge para outras ocupações — o lavrador retarda o trabalho, fazendo parte dele por suas mãos, mas espigando pelo tempo e pela ladroagem lá recorre aos menos aptos, aos semi-invalídicos, sempre na ânsia de se poder salvar, o que dificilmente consegue.

Todavia, o que o Lavrador está a fazer não passa duma corrida para se desviar da própria sombra, como se esta alguma vez, lhe pudesse cair em cima. O mal, porém, vem doutro lado, mal que

(Continuação na 2.ª página)

José João Ascensão Pablos

Acometido por doença súbita quando no exercício das suas funções, tem estado de cama o nosso querido amigo e dedicado presidente da Câmara Municipal do Concelho, sr. José João Ascensão Pablos, por cujas melhoras, acentuadas nos últimos dias, formulamos os mais sinceros votos.

Festa da Páscoa

(Abril ou Portugal)

DIA DO TURISTA

Inclui-se no programa das «Festas da Páscoa» (Abril ou Portugal) oportunamente torna o público, o dia do turista. Porque a todos cabem obrigações na Recepção Turística, para que a iniciativa que se projecta atinja a finalidade desejada exige-se a cooperação de muitos e variados sectores — públicos e privados. Porém, a nossa tradicional hospitalidade e as colaborações com que desde já se conta asseguram necessariamente resultados positivos para a Campanha que se pretende empreender.

Deste modo anuncia-se o seguinte:

1 — O Dia do Turista será em 20 de Abril.

Nesse dia procurar-se-á pro-

(Continuação na 3.ª página)

Caleidoscópio

Como já é do domínio público, vai ser nomeado Presidente da Junta de Turismo de Quarteira, o sr. Dr. António Pedro da Ponte.

O cargo vai, pois, recair na pessoa de um novo e distinto advogado, filho do também caudilho — o saudoso Dr. José Pedro —, carente figura do foro algarvio e cuja recordação perdura bem viva ainda na memória de todos aqueles que tiveram o prazer de o ouvir ou usufruir o seu invulgar encanto pessoal.

Não será fácil nem isento de dificuldades o exercício de tão espinhoso cargo, sobretudo se se considerar o condicionamento em matéria de dotações e o muito que se impõe fazer naquela tão frequentada praça louletana. Apesar disso, da sua inteligência, amor à Terra e honrosa tradição,

iniciada por seu Pai, muito há a esperar para se concretizar o anseio louletano de momento.

Uma Quarteira maior e melhor!

Oxalá possa realizar tão belo fim e conseguir a gratidão dos seus conterrâneos, votos que aqui lhe formulamos muito sinceramente.

Em execução de deliberação camarária, vai ser afixado no salão Nobre da Câmara, uma fotografia do antigo Presidente, José da Costa Guerreiro, que em vida muita devoção mostrou pela administração e tanto pugnou pelo progresso e engrandecimento de Loulé e seu concelho.

Também por deliberação da

(Continuação na 2.ª página)

(Avença)

A Voz do Sul

Biblioteca Publica

LISBOA



Um pitoresco recanto de Alte

Ainda é tempo

Por António Luís Cabral de Quadros

Vim há pouco tempo do Algarve, da aldeia de Alte. Com os olhos cheios da maravilhosa província aonde tudo me encanta, desde a natureza e costumes até à arquitectura, não posso deixar de me indignar com certas anomalias que alteram a estética de conjuntos que se verifica em certas regiões, não só do Algarve, como de outros pontos do país. É mal que ataca também outras nações. É uma adulteração do gosto que não respeita, por miopia estética, certos aglomerados que se deviam apreciar na sua integral beleza.

Imprensa Regional

Efectuou-se no passado dia 11 a cerimónia da entrega das insígnias da Ordem do Infante, para testemunhar a toda a imprensa portuguesa o aprego da sua participação nas comemorações henricas.

Aos Presidentes dos Grémios da Imprensa Diária e da Regionalista, srs. Drs. Alfredo Pereira de Andrade e Cónego José Galamba de Oliveira foi conferida a insígnia do grau de Oficialato, e as comendas da mesma Ordem aos Presidentes do Sindicato Nacional dos Jornalistas, nesse tempo o sr. António Morais de Carvalho e o actual director sr. João Coito e ao jornalista goês, sr. Alvaro de Santa Rita Vaz.

Presidiu a esta cerimónia o sr. Sub-Secretário de Estado da Presidência do Conselho, Sr. Dr. Paulo Rodrigues.

Dia de São José — Dia do Pai

Comemorando a passagem do Dia de S. José — Dia do Pai — vai o Grupo «Os José de Portugal» promover, mais uma vez, em diversas terras do País, as comemorações do Dia do seu Patrono. O Grupo dará, dentro das suas possibilidades todo o auxílio às comissões que se formarem para solenizar aquela data com qualquer acto benéfico. Além disso fará a entrega de enxaivas a crianças pobres, nascidas em 19 de Março e a que lhes sejam dados o nome de José. As comissões que se formarem deverão por-se em contacto com a sede daquele Grupo Onomástico, em Lisboa.

Inspeccção de mancebos

Avisam-se todos os mancebos que residam há mais de 30 dias em concelho diferente daquele por onde foram recrutados para o serviço militar, que podem ser inspecionados no concelho onde residem, desde que o requeram. O requerimento é feito em papel comum de 25 linhas e dirigido ao Chefe do Distrito de Recrutamento da área onde residirem. Ao requerimento terão de juntar Atestado de Residência em que provejam que residem há mais de 30 dias. Os requerimentos são entregues no Distrito em mão própria, ou remetidos pelo correio, sob registo. O prazo para a sua entrega termina em 15 de Abril de 1963.

Esse mal é extensivo à própria capital onde, às vezes, se ocultam pontos de vistas, se interceptam perspectivas, com construções vulgares.

Creio que esse flagelo é devido, nalguns casos, à falta de um protesto imediato, que se deveria fazer sentir quando se propõe ou se inicia um atestado de lesa-estética urbanística ou paisagística, pois que nem sempre a imprensa se faz, a tempo, porta-voz da reprovacão.

É também a indiferença do público ou, antes, desinteresse, pela errada ideia de que certos assuntos estão encerrados em compartimentos estanques que só podem e devem ser tratados pelos especialistas ou encarregados deles, que o alheiam e o tornam indiferente à beleza urbanística. E, no entanto, é este um problema de capital interesse para as populações, pois que é nesse ambiente em que vivem e, muitas vezes, em que «só» vivem.

Por isso julgo que se deverá, a tempo, alertar a população algarvia, para que não deixe que

(Continuação na 3.ª página)

Conceitos

É já do conhecimento geral, por de há muito vimos a ser alvo de acusações desse teor nas grandes assembleias internacionais, mórmente as organizadas pelos movimentos afro-asiáticos e comunistas, que, para além do epíteto de colonialista nos vem sendo dada com a mesma frequência e intensidade e de racistas.

Qual não é pois o nosso espanto — se é que ele é sincero quando se nos depaenam dois factos que nos colocam em posição muito favorável e susceptível de poder devolver — e por certo com muito mais razão — aqueles amáveis cumprimentos com que nos têm brindado os responsáveis pelos países do «Terceiro Mundo» e do bloco comunista. Detenhamo-nos sobre eles:

Na Uganda, por exemplo, Ezi-

(Continuação na 2.ª página)

Os Livros que recebemos

O 1.º CENTENÁRIO DO OBSERVATORIO ASTRONÓMICO DE LISBOA

O engenheiro-geógrafo, Dr. José António Madeira, acerca de «O primeiro centenário do Observatório Astronómico de Lisboa, 1861-1961», publicou um pequeno volume com o mesmo título, onde se história, documentadamente, todos os observatórios que existiram em Lisboa, desde o Observatório do Castelo de S. Jorge até ao actual da Tapada da Ajuda.

O volume alonga-se por oito interessantes capítulos, a saber: 1.º — A astronomia em Portugal perante o problema da determinação das paralaxes siderais 2.º — Um importante trabalho de astronomia sideral do conselheiro e académico, Henrique Barros Gomes

(Continuação na 8.ª página)

RESCALDOS DO CARNAVAL

Uma falha importante

Das várias deficiências anotadas, ressaltou a das ligações aos comboios. No domingo Gordo, a Comissão das Festas fez chegar ao conhecimento da E. V. A. algumas queixas de passageiros desembarcados das automotoras ou comboios, que tiveram de palmilhar o percurso entre Loulé-Gare e a Vila, por falta das anunciadas ligações de camionetas entre os dois locais.

Trata-se duma falha de deploráveis efeitos e de certo prejuízo na organização dos festejos, que convém remediar, no futuro, dando-se garantias ao público sobre a eficiência e a coordenação desse indispensável serviço.

O mutismo da grande imprensa sobre as festas

Antes de surgir o Carnaval do Estoril, o de Loulé não desmerecia dos favores noticiosos da imprensa diária da capital. Verificava-se isto quando o nosso Carnaval era praticamente o único em cena.

No último entrudo, porém, as atenções dos grandes matutinos e de alguns vespertinos foram ca-

nalizadas para a organização da Costa do Sol, que dispõe de recursos financeiros capazes de monopolizar toda a publicidade carnavalesca.

Não ignoramos o vulto e a projecção internacional que aquelas festas pretendem alcançar — apesar de duvidarmos da consecução de tais objectivos, por lhe notarmos ausência de originalidade, só atingível, afigura-se-nos, através de concepção plástica diferente, ou melhor dizendo, por meio de erudição carnavalesca mais portuguesa, que lhe subtraia as suas vincadas emitações do estilo nicensis.

Mas retiremos a foice da seara alheia e vejamos: se a principal finalidade da realização do Estoril é nitidamente turística, a de Loulé, além de envolver esse mesmo fim (sem para isso receber qualquer estímulo ou ajuda das estâncias turísticas) inclui outro puramente humanitário: o de valer às sempre crescentes necessidades do seu Hospital (um dos melhores do sul do país, graças, em parte, ao Carnaval de Loulé).

Julgávamos que esta dupla finalidade — a turística e a benéfica — fosse razão bastante para merecer um pouco mais de carinhosa compreensão por parte

(Continuação na 4.ª página)

A Casa do Algarve

comemorou o seu 33.º aniversário com um brilhante Serão de Arte de homenagem a JOÃO DE DEUS

Pela numerosa e selecta assistência que reuniu e pelo entusiástico ambiente regionalista em que decorreu, teve significado particularmente festivo o serão de arte promovido, em 9 do corrente, pela Casa do Algarve em Lisboa, comemorativo do 33.º aniversário da fundação da colectividade, 17.º da sua reorganização e 133.º do nascimento de João de Deus, seu patrono.

O respectivo programa foi constituído por palavras do presidente de direcção; recitação e interpretação de poesias do «Campo de Flores», por Hermínia Tojal, Maria José Tavares, Ruy Teles, Romano Angelo e Carlos César, componentes e director do Grupo de Cultura Teatral; concerto de piano pelas laureadas alunas do Conservatório Nacional, Ana Maria Regalia Dias Pinto, bolseira da Fundação Gulbenkian, e Maria José Massé de Brito, e exibição do filme algarvio, em cinematóscopo, «Jardim de Trinta Léguas», realização do distinto cineasta Fernando de Almeida.

Na abertura do serão, usou da palavra o sr. Major Mateus Moreno que, em palavras repassadas de vibrante regionalismo, his-

toriou a fundação e reorganização da Casa do Algarve, pondo em realce a utilidade da sua existência e o elevado prestígio de que goza.

Os representantes das Comissões Organizadora e Reorganizadora da Casa foram alvo de vibrantes saúdes de palmas, após o que se seguiram as partes poética e artística do programa.

Tanto os 5 intérpretes das composições poéticas de João de Deus, como as 2 jovens pianistas, que seguidamente se fizeram ouvir, encantaram a assistência, que lhes tributou os mais calorosos aplausos, tendo-lhes dirigido também, no fim do serão, as mais vivas felicitações, o vice-presidente da Assembleia Geral da Casa, sr. Dr. Maurício Monteiro.

No documentário — «Jardim de Trinta Léguas» —, com que se encerrou esta encantadora noite de exaltação algarvia, confirmava-se plenamente a intenção do título, que de algum modo o liga à Casa do Algarve.

Grande e belo documentário, que bem mereceu, pois, a prolongada e vibrante salva de palmas com que toda a assistência sublinhou o final da sua exibição.



Postal de FARO

Regressou a esta cidade, após permanência de alguns dias em Lisboa, o Dr. António Baptista da Silva Coelho, Governador Civil de Faro. Na capital, o Chefe do Distrito, avistou-se com várias entidades, com as quais tratou durante vários dias assuntos de interesse para o Algarve. Com o sr. Ministro do Interior, teve de memorada conferência, sendo estudado questões de ordem administrativa e política, ligadas a esta província.

Em comemoração do 133.º aniversário natalício do poeta e pedagogo João de Deus, realizaram-se vários actos na província do glorioso litoral e autor da Cartilha Maternal.

Nos estabelecimentos de ensino secundário e nas escolas de ensino técnico profissional (conforme autorização superior), efectuaram-se peditórios com o objectivo de angariar fundos para a edificação do Jardim-Esco-

la João de Deus, em Faro, o primeiro a ser erguido na província algarvia. Com esta obra, para a qual se contam já com valiosas ajudas — terreno, planta, mais de cinquenta mil escudos, etc., saldará finalmente o Algarve a dívida de gratidão para com este seu ilustre filho.

A Comissão Executiva do Faro, projecta a realização de várias iniciativas, tendentes à obtenção da quantia que falta para o início dos trabalhos, para os quais também a Fundação Calouste Gulbenkian, dará a sua valiosa ajuda.

Retomou as funções de capitão do porto de Vila Real de Santo António e interino de Tavira, o sr. comandante Correia Baptista, que em Lisboa, frequentou o Curso Geral Naval de Guerra.

Com o filme de Sidney Lumet, (Continuação na 3.ª página)

Notícias pessoais

Aniversários

Fazem anos em Março:

Em 18, o sr. Felizberto Mestre Marum.

Em 20, a sr.^a D. Maria Isabel dos Santos Ferreira e a menina Ercília Maria Rosa da Fonseca e o menino Francisco Manuel Lopes Encarnação, residente em Reguengos de Monsaraz.

Em 21, as meninas Erlinda Nunes da Piedade, e Maria José Ramiro Mendonça e o sr. José Bento Batel, residente em Lisboa.

Em 22, as meninas Maria Antonieta Pontes Barros e Maria Cecília Oliveira Calado.

Em 23, as sr.^{as} D. Maria dos Santos Gonçalves e D. Maria de S. José Adro Gago, a menina Maria José Calço, e os srs. Dr. José do Nascimento Costa, nosso assinante na Figueira da Foz, e Alexandre Bento Carrilho.

Em 24, a sr.^a D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques.

Em 26, a menina Bernarda Maria Cavaco Barros e o sr. João Maria Martins da Silva.

Em 28, a sr.^a D. Maria José Pina e o sr. António Joaquim Mendes Pinguinha, residente na Venezuela.

Em 30, o sr. Casimiro José da Piedade Mata.

Fazem anos em Abril:

Em 1, os srs. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, residente em Lisboa e Octávio Rodrigues Contreiras, e o sr. José Guerreiro Inácio, compositor mecânico na Tipografia União, em Faro, o sr. Francisco, Manuel da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António e a menina Maria da Silva Guerreiro.

Em 2, a sr.^a D. Maria de Lourdes do Nascimento Jacinto.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Frade, residente no Porto.

Em 4, as sr.^{as} D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto Wanhon, residente em S. Vicente de Cabo Verde, D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco e D. Maria da Glória Silva Leal Rocheta.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, os srs. João Manuel da Conceição Domingues, Carlos Alberto Feio Botolhina, José das Neves de Sousa e José Maria Plácido Calço.

Em 9, o sr. Arquitecto Manuel Maria Laginha, residente em Lisboa e a menina Otília Maria Jerónimo Eusebio.

Partidas e Chegadas

— Em digressão por vários países da Europa, seguiu há dias de avião para Paris o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. João Farrajota Alves, abastado proprietário nesta vila.

— Com o mesmo objectivo, seguiu também para Paris, acompanhado de sua esposa, o importante industrial e proprietário sr. João de Sousa Murta, nosso estimado amigo e assinante no Areeiro (Loulé).

— A fim de esperar sua filha e genro, do seu regresso de África, deslocou-se a Lisboa o sr. José da Costa Alves, funcionário da Câmara de Loulé.

— Em serviço profissional, tem estado em Loulé com sua esposa e filhas, o nosso estimado amigo e prezado assinante em Lisboa sr. Efigénio Carapeto da Luz, director da Companhia de Seguros «ATLAS».

— No contingente que há dias partiu em missão de soberania para o Ultramar, seguiu o nosso conterrâneo sr. Alferes Miliciano Luís Filipe Pilar da Silva Ricardo.

— De visita a sua mãe, que tem estado retida no leito, esteve em Loulé com sua esposa e filhos o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. Dr. João Delgado Guerreiro.

— Na companhia de seu filho, regressou a Carmona a nossa conterrânea sr.^a D. Lizete Dionísio Bota Passos, esposa do nosso prezado amigo e assinante naquela cidade angolana sr. José dos Santos Centeno Passos.

— Em gozo de licença, encontra-se entre nós, acompanhado

de sua esposa, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria dos Santos Centeno Passos Parreira de Faria, o sr. Dr. Ventura Parreira de Faria, Juiz de Direito em Mocimboque.

— Em viagem de negócios, deslocou-se a Timor o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel de Sousa Gonçalves Cachola.

— Com curta demora esteve em Loulé o nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. Hélder Sobral Mendonça, funcionário da E. N.

— A fim de fixar residência na Austrália com o seu marido, o nosso prezado assinante sr. José de Sousa Vairinhos, retirou há dias para aquele país a sr.^a D. Zilda dos Santos Vairinhos.

— De visita a sua filha, sr.^a D. Maria da Conceição Lima Faisca, que há dias se submeteu a uma operação no Hospital de Santa Maria, deslocaram-se a Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Teixeira Faisca e esposa sr.^a D. Alice Aguas de Lima Faisca.

Alegrias de Família

O lar do nosso prezado amigo, conterrâneo e dedicado assinante em Coimbra sr. José Ricardo de Sousa Ferreira e de sua esposa sr.^a D. Maria Valentina Garcia Ferreira, acaba de ser enriquecida com a chegada da pequenina Maria Isabel, facto ocorrido no dia 9 do corrente no Hospital de Santa Teresa em Coimbra.

E avó paterna a sr.^a D. Generosa Sousa Ferreira, viúva do sr. Horácio Ferreira e avó materna a sr.^a D. Alice da Conceição Garcia, viúva do sr. Paulo Martins Garcia.

Aos felizes pais endereçamos as nossas felicitações, com votos de risonho futuro para a sua descendente.

Falecimentos

Após prolongado e doloroso sofrimento, faleceu em casa de sua residência nesta vila, no passado dia 10 do corrente o sr. José da Costa Faisca (Lázaro), que recentemente regressara dos Estados Unidos.

O saudoso extinto, que deixa viúva a sr.^a D. Maria Madeira Faisca, era pai das meninas Amanda e Maria da Graça Madeira Faisca e do menino Fausto José Manuel Madeira Faisca e filho do sr. Armando Lázaro, antigo industrial de curtumes nesta vila.

— Com a idade de 60 anos faleceu no passado dia 17 do corrente em Lobito, Angola, onde se encontrava há anos empregado na Câmara Municipal daquela cidade, o sr. Custódio Joaquim Guerreiro, natural de Querença, concelho de Loulé.

Deixa viúva a sr.^a D. Olinda de Brito Viegas Guerreiro e era pai do sr. Délio de Brito Viegas Guerreiro, residente em Lobito; irmão da sr.^a D. Serafina Viegas Guerreiro e Manuel Joaquim Guerreiro.

As famílias enlutadas apresentam o nosso jornal sentidas condolências.

MORREU

ao serviço da Pátria

Em combate com os terroristas no norte de Angola, faleceu recentemente naquela provincia o nosso comprouviano sr. José do Carmo Bento, furriel miliciano, natural de Santa Bárbara de Nexe e bastante conhecido em Faro e Loulé, onde contava muitas amizades.

O saudoso extinto, que contava apenas 23 anos de idade, deixa viúva a sr.^a D. Leocildina Maria da Luz Jerónimo Bento, residente no sítio da Palhagreira, e orfã uma filhinha de 2 anos.

A desolada família endereçamos a expressão do nosso sentido pesar.

A CASA MIMOSA

Acompanha sempre as últimas novidades em malhas, para criança, senhora e cavalheiro.

Sonetos sobre a Verdade

III — FILIPES, ALCUNHAS & C.^a

*O chamar nomes a qualquer pessoa,
Sejamos nós de fora ou cá da terra,
É baldia, certamente, que se encerra
Dentro de alguém e dentro dele ecoa...*

*E solta a pena, ou solta a voz, entoa,
Sonorosa, galgando mar e serra,
Por que a entenda a gente amiga ou perra...
E o fúlpico nome, aos poucos, soa...*

*E salta os muros da vulgaridade...
Penetra como azeite... Quase toma
Assento no cartão de identidade...*

*Ao nome oficial é apostila...
E, visto que é assim, como sabeis,
Esta é uma verdade cá da Vila...*

MARIO LEPPA

RESCALDOS DO CARNAVAL

(Continuação da 1.^a página)

de quotidianos sempre prontos a apontar, nas suas colunas, a falência da iniciativa particular e a bradar sobre a necessidade dos homens válidos de cada terra ou região se unirem e valerem as suas carências ou dificuldades próprias. «Que o Estado não pode fazer tudo», etc., etc.

— Bem prega Frei Tomaz! Em Portugal vive-se a era do palavreado. A dos factos é pura utopia!

— Piedade, misericórdia, solidariedade, são vocábulos escritos em muita parte, mas que só valem como expressão gráfica!

De toda esta miséria materialista, devemos separar, com destaque, o jornal «República», que salvou as honras do «grande convento jornalístico», concedendo larga publicidade aos festejos (numa semana 6 inserções diferentes), seguido, em menor escala, do «Diário Popular».

A Televisão, sem fazer qualquer alusão prévia das festas, transmitiu na 2.^a feira gorda uma breve reportagem do nosso Carnaval, além da E. N. de Lisboa, que se portou à altura das circunstâncias, como diria o nosso «Zé do Carnaval».

De agradecer — e muito — a valiosa colaboração da «Folha Turística de Beja», com um número totalmente dedicado às festas e ao Algarve, bem como a da imprensa regional do Algarve e do Alentejo, do Posto Regional da E. N., da F. N. A. T. e da Casa do Algarve, sem esquecer a imprensa diária do Porto, sempre pronta a estimular todas as boas iniciativas e a dar-lhe larga publicidade.

Do conceituado «Jornal do Algarve» de 9/3/63, e com as vênias da praxe, transcrevemos a carta dum seu leitor, reservando, no final, os merecidos comentários:

O propósito do Carnaval de Loulé

Do nosso amigo sr. M. Dias e acerca do Carnaval de Loulé, recebemos a seguinte local:

Só este ano me foi dado assistir às festas do Carnaval em Loulé.

Felicito a digna comissão organizadora, pelo seu êxito, mas se me permitem farei alguns reparos se é que eles podem contribuir para melhorar ainda mais, um Carnaval que pode ser diferente de todos os outros.

O Carnaval de Loulé já tem tradição nacional e está à altura de ultrapassar as nossas fronteiras. Para isso é preciso fazer a tempo, a indispensável propaganda que estas festas merecem e não dispensam, quando os seus resultados financeiros se destinam a fins de beneficência. Este ano, essa propaganda não foi além da própria Província. A propaganda terá de ser elaborada com muitos meses de antecedência, de contrário, essas festas nunca irão além do âmbito caseiro.

Os carros apresentados no corso, foram todos eles de bom gosto e de muito sentido artístico, merecendo a sua ornamentação os melhores elogios. Porém, faltou-lhes pequenos pormenores que no futuro facilmente se podem remediar. Os tractoristas, podiam e deviam vestir o traje regional da Província. Os figurantes, principalmente o elemento feminino, também pecaram pela ausência desse traje na maioria dos carros.

O Carnaval de Loulé é o Carnaval do corridinho, o Carnaval da Tia Ana.

A cabine de som não devia ignorar que alguns milhares de pessoas que presenciaram o Carnaval de Loulé, não eram do Algarve e certamente gostariam de ter ouvido a bela música regional. Ela não foi difundida, dando-se

prioridade aos sambas e outras músicas que nem eram portuguesas. Também faltaram os grupos de rapazes e raparigas vestidos com os trajes algarvios, acompanhados dos tocadores de harmónio e ferrinhos, que se exibissem na danga do corridinho ao longo da avenida, nas placas centrais. Estes números seriam de grande efeito regional e dariam só por si, muita animação a todo o Carnaval. As janelas e fachadas dos prédios da longa avenida, deviam apresentar-se devidamente ornamentadas, atribuindo-se mesmo um prémio de estímulo às que melhor fossem decoradas. As árvores, ornamentadas, dando-nos a ilusão das amendoeiras em flor, são de um belo efeito decorativo, quando todas forem bem aproveitadas no seu conjunto. O Carnaval de Loulé, mesmo sem carros de grande tonalidade pode ser visto e apreciado, sem receio de confronto, porque ele é um Carnaval diferente.

É sempre de agradecer a bondade de tão generosas referências ao nosso Carnaval.

A gentileza é ainda maior quando, como no caso vertente, o correspondente se dispõe a exprimir observações susceptíveis de produzir correções futuras na ordenação estética ou folclórica dos festejos.

Ante a concordância de tais promissas é sempre grato responder aos reparos emitidos.

Propaganda — Entre os fins principais da festa, avulta o benéfico, o que significa procura do maior somatório possível de ganhos. Assim, não destinamos a esta rubrica, aquela latitude de fundos que é imperioso destinar-lhe. A compressão de despesas, a que nos obrigam as inconstâncias do tempo, impele-nos a recorrer aos favores, nem sempre atendíveis, das fontes de informação tradicionais (Imprensa, rádio e televisão) para suprir encargos com outro género de publicidade, sempre dispendiosa. Apesar destas restrições, foram executados 5000 livros-programas, 20.000 calendários de alibei, 8.000 pequenos cartazes diversos, etc., que importaram à volta de 12.000\$00.

O mesmo acontece com os serviços de som no recinto. Para poupar gastos com o material e a instalação desses serviços, são estes confiados à competência da firma publicitária, que se encarrega da difusão musical no recinto. Eis a razão do reparo, — muito bem notado, — do ilustre correspondente, quanto à ausência de música regional ou outra mais apropriada aos festejos.

Tractores e tractoristas — Já em tempo distribuímos aos tractoristas pequenos barretes carnavalescos, e de outra vez ornamentamos até com festão um bom número desses veículos. Há muito que a Comissão tem na mente a aplicação de caixas móveis, especialmente douradas, para taparem todo o conjunto do tractor. Porém, o gasto dispendioso na feitura do 40 objectos desse tipo, obriga sempre a recluir com a ideia, apesar de não se desistir dela totalmente. Ornamentar essas máquinas torna-se quase impossível, visto as mesmas só estarem à disposição da organização uns momentos antes do início das festas.

Grupos regionais — Não há dúvida que foi notória a sua falta. Só dois carros — «Desfolhada» e o de Alto, com o seu Rancho Folclórico (e este só com alguns pares, por falecimento de pessoa de família do seu ensaísta) é que deram a nota regionalista. Há necessidade, realmente, de incluir no programa, as tradicionais estudantinas e grupos folclóricos. Contudo, não se pode seguir o princípio de que todo o conjunto das festas — carros, figurantes, ornamentações, etc., — deve ser subordinado a um fundo totalmente regionalista. A festa, na sua essência, é carnavalesca e não folclórica. O que é absolutamente imperioso é apresentar o

Subscrição

Para a compra de novos Fardamentos e novo Estandarte para a «Filarmónica ARTISTAS DE MINERVA»

Como provavelmente será do conhecimento de muitos dos prezados leitores, a Direcção da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva está empenhada em angariar fundos que permitam comprar NOVOS FARDAMENTOS e NOVO ESTANDARTE, afim de substituir os actuais, já quase inutilizados pelo muito uso e cujo estado é incompatível com a dignidade da Arte Musical, o brio e os pergaminhos tanto da colectividade como da nobre Vila que se orgulha de representar musicalmente desde há quase uma centena de anos.

Neste sentido e porque sem auxílios nunca seria possível levar a bom termo tão custoso objectivo, vem a referida Direcção dirigindo-se a todas as pessoas e entidades cuja boa vontade, compreensão das dificuldades presentes e habitual generosidade permitam ter esperanças de atenderem este apelo e contribuir assim com a sua ajuda para a compra desses fardamentos.

É portanto também com este intuito que hoje se utiliza este cantinho da «Voz de Loulé», solicitando confiadamente aos seus dedicados leitores e amigos da popular «Música Nova» a sua preciosa dádiva, que poderá ser entregue da maneira que cada qual entenda por mais conveniente e que desde já muito reconhecidamente agradece, em nome de toda a colectividade,

A Direcção

LISTA DOS DONATIVOS JÁ RECEBIDOS

Câmara Municipal de Loulé	3.000\$00
Sr. José João Ascensão Pablos	1.000\$00
Sr. ^a D. Maria Luísa de Albuquerque Rebelo	500\$00
Sr. António Luís dos Ramos Júnior	500\$00
Sr. João Lopes (Faro)	500\$00
Sr. José Centelo de Sousa Martins	300\$00
Sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro	200\$00
Sr. Adelino Sousa Ferreira	200\$00
Sr. Joaquim Domingos (Casa das Nôvas)	200\$00
Sr. Rafael Martins Barbosa	100\$00
«A Voz de Loulé»	50\$00

A transportar 3.550\$00

(Continua no próximo número)

Maria José Valério

Pelo que temos lido na imprensa Angolana, sabemos que a popular artista de ascendência louletana Maria José Valério tem alcançado grande sucesso, nas exhibições que tem efectuado naquela nossa provincia ultramarina, onde se encontra desde o princípio do ano. Já participou em dezenas de espectáculos e é considerada a artista mais bem paga que até ao presente passou por Angola.

Seu marido, o conhecido toureiro José Trincheiro está acompanhando a azougada artista na sua digressão e já está contratado para várias corridas.

Felicitemos Maria José Valério por mais estes brilhantes sucessos da sua carreira artistica.

SE TEM BOM GOSTO

Escolha o seu vestido na

Casa Mimosa

Rua 5 de Outubro (Rua das Lojas) — LOULÉ

prato regional do corridinho.

Ornamentações do recinto — Já em tempo se solicitou aos moradores do recinto das festas a ornamentação dos seus prédios. Chegou-se a oferecer festão para esse efeito. Só alguns prédios — muito poucos — apareceram decorados, alguns deles até pela Comissão. É de insistir na ideia, sim senhor, mas antes de tudo é mais imprescindível arranjar nova concepção ornamental de todo o recinto, que tem sido muito «pires» e muito fraca. Quanto às flores das árvores, não apresentaram, este ano, o belo efeito costumado, por causa da chuva, que as fez murchar e cair prematuramente.

Até para o ano — Para o ano, caro correspondente, cá o esperamos neste Carnaval Diferente, porque, pode crer, é único na península, embora modesto, duma modestia atraente, encantadora, mas alegre, garoto, vivo, bulçoso, como é seu apanágio e virtude, a fim de nos transmitir novamente a justeza dos seus reparos.

T. D.

QUADRAS CONCORRENTES AO CARNAVAL DE LOULÉ

*Se um prémio não ganhar
Não me zango nem me queixo
Pois não pretendo imitar
O grande poeta Aleixo.*

Herculano Herdade — Faro

*Carnaval, Carnaval,
Festa de grande alegria;
Viva o povo louletano
E a bela terra algarvia!*

Ivone Ramos Ferreira — Luz de Lagos

*Com essa calça justinha,
Esse chapéu a «timaco»
Não me levarás contigo,
Vai-te embora meu herói.*

Maria Júlia Martins — Paço de Arcos

*Vamos todos p'ra Loulé,
P'ra gozar o Carnaval;
Diverte-se a gente... olé,
E ajuda-se o Hospital!...*

Dr. Pulido Garcia — Loulé

*Corre, corre, corridinho,
Bate agora com o pé;
Vamos todos num carrinho,
Ao Carnaval de Loulé!...*

Dr. Pulido Garcia — Loulé

Cartas ao Director

O Jogo Ilícito

Ex.^{as} Sr.
Director de «A Voz de Loulé» — Loulé

Temos acompanhado com interesse a salutar campanha desenvolvida pelo «Diário Popular» contra a terrível «doença» social que é o jogo ilícito.

São bem conhecidas as suas funestas consequências e o quanto contribui para a desarmonia familiar.

Ele tem provocado a perda de muitos homens, a ruína de muitos lares e é motivo de conflito permanente entre tantos casais. E no entanto, apesar da vigilância das autoridades, parece que tem aumentado o número de viciados do jogo.

Através do relato publicado naquela importante vespertino lisboeta tem o público tomado conhecimento de casos confrangedores da desagregação social provocada pelo jogo e este facto nos incita a denunciar o que se passa no concelho de Loulé, nomeadamente na sede, em Salir e nas Vendas Novas da Tor, onde muitos trabalhadores se recusam a empregar a sua actividade no campo para poder jogar também durante as horas que deveriam ser de trabalho normal.

É porque desconhecemos até que ponto as autoridades têm conhecimento de certos e condenáveis factos, esperamos que «A Voz de Loulé» faça eco de alarme de tantas esposas e mães que vêem os seus maridos e filhos entregues ao condenável vício do jogo.

Aceite, Sr. Director, as saudações de

Um assinante

J. Pereira da Costa

ODONTOLOGISTA

Consultório:

Avenida José da Costa Mea-lha, 39-1.^a (em frente ao Cinema)

Telefone 114

— LOULÉ —

A «PLATEX» expõe em Faro

O nosso país foi recentemente apetrechado com uma moderna unidade industrial de extraordinário interesse económico, pois permite transformar os desperdícios da floresta num material de variadíssima aplicações.

Técnicos e industriais têm agora à sua disposição um novo e utilíssimo produto que lhes facultará a solução de muitos problemas, tanto em resistência como em embelezamento.

Trata-se da fabricação de placas de fibras de madeira prensada, conhecidas no nosso mercado pelo nome de «PLATEX».

No propósito de possibilitar todas as empresas, o conhecimento das variadas aplicações do «Platex», os seus fabricantes organizam uma exposição no Cinema Santo António em Faro, nos dias 19 e 20 do corrente mês. O acto inaugural será presidido pelo Sr. Governador Civil do Distrito.

PASTELARIA FINA

J. C. Fernandes

artísticos

DELICIOSOS

LOULÉ

ALGARVE PORTUGAL

FABRICANTE ESPECIALIZADO

Fornecedor dos melhores Cafés,

Pastelarias e Restaurantes

Bolos para Casamentos,

Aniversários, Lembranças, etc.